

SOCIABILIDADE PENTECOSTAL E  
ORDEM VIOLENTA EM FAVELAS

*Este artigo se baseia em uma pesquisa com moradores de duas favelas da cidade de Campos dos Goytacazes, situada ao norte do estado do Rio de Janeiro, e tem como objetivo compreender e interpretar os relatos de fiéis pentecostais que vivem em territórios sob o domínio do tráfico de drogas. As igrejas pentecostais localizadas nas favelas onde se desenvolveu a pesquisa fazem parte do segmento religioso que desde os anos 1980 tem obtido expressão na sociedade brasileira. Nesse contexto, cabe problematizar as modalidades a que se refere a inscrição das igrejas pentecostais no cotidiano das favelas, em que os líderes religiosos contam cada vez mais com recursos simbólicos, valores, categorias e rituais religiosos por meio dos quais tentam evitar o exercício da violência contra os demais moradores. Nas favelas, a vivência religiosa se constrói de maneira complexa, múltipla e intensa, traduzindo-se no nível da articulação da experiência cotidiana com o contexto espaço-temporal. As igrejas pentecostais servem como fonte de subjetividade, de modo que a mensagem, assim como as práticas religiosas, acaba por ser resignificada, em uma combinação da fé com as experiências vividas nos diferentes territórios da favela. Em sua particularidade, as informações levantadas apontam para uma reflexão sobre essa questão e oferecem elementos para a referida discussão.*

*Palavras-chave: Pentecostalismo; favela; religiosidade; violência.*

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf). Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/SBI. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Religião e Sociologia Urbana. Pesquisadora da Faperj (Jovem Cientista do Nosso Estado).

## INTRODUÇÃO

Este artigo<sup>1</sup> se baseia em uma pesquisa<sup>2</sup> com moradores de duas favelas da cidade de Campos dos Goytacazes, situada ao norte do estado do Rio de Janeiro,<sup>3</sup> e tem como objetivo compreender e interpretar os relatos de fiéis pentecostais que vivem em territórios sob o domínio do tráfico de drogas. As igrejas pentecostais localizadas nas favelas onde se desenvolveu a pesquisa fazem parte do segmento religioso que desde os anos 1980 tem obtido expressão na sociedade brasileira. Tal fenômeno vem apresentando uma pluralidade de iniciativas e manifestações públicas e midiáticas. Além da ampliação do número de adeptos, acrescenta-se, ainda, o aumento da pluralidade denominacional<sup>4</sup> (MARIANO, 1999).

Considerando-se a realidade das favelas, investigaram-se os contextos e as situações em que os líderes religiosos interferem na violência imposta pelos traficantes e a percepção dos fiéis de sua inserção em um

<sup>1</sup> Trata-se do desenvolvimento do projeto de pesquisa “Percepções e estratégias de ação dos pentecostais moradores de favelas de Campos dos Goytacazes”, financiado pelo CNPq – Edital Universal 2008. A pesquisa contou com a participação dos bolsistas de iniciação científica Gabriela Fresen, Naiana Bertoli, Natalia Silveira e Vanessa Palagar Ribeiro e dos mestrandos Gustavo Silvino de Oliveira e Suellen Souza.

<sup>2</sup> Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa coordenado pelo professor Luiz Antônio Machado da Silva as interlocuções dos projetos desenvolvidos pela equipe; as análises possibilitaram a realização desta pesquisa.

<sup>3</sup> Campos dos Goytacazes é o principal município da região Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro. Foi considerado, ao longo de muitos anos, polo de desenvolvimento dessa região por seu potencial agropecuário e agroindustrial latente, graças à vasta área ecológica de que dispõe, sendo, inclusive, a principal bacia petrolífera do país. Entretanto, a partir da década de 1960, Campos passou a sofrer um processo de estagnação econômica. Mesmo a crescente arrecadação dos *royalties* do petróleo, a partir de 1998, pelos municípios da região e, sobretudo, por Campos parece não ter, de modo geral, contribuído satisfatoriamente para o processo de geração de emprego e renda. De acordo com dados do Censo 2000 do IBGE, Campos possui uma população de 406.279 habitantes. Também segundo esse recenseamento, há 32 favelas no município, com 16.876 habitantes em 4.842 domicílios ocupados. É na década de 1960 que mais se formam favelas em Campos, quase a metade delas, sendo também significativo o número das que têm origem nos anos 1940 e 1950. Nos anos 1970, há uma queda acentuada no crescimento do número de favelas, que volta a aumentar nos anos 1980 (GUIMARÃES; PÓVOA, 2005).

<sup>4</sup> De acordo com o IBGE, em 2000, os adeptos do catolicismo compreendiam 59% da população campista; os evangélicos, 21% (Históricos, 2,8%; Renovada, 0,6%; Batista, 7,6%; Assembleia de Deus, 3,6%; Universal, 3,5%; outras evangélicas, 0,5%; outras pentecostais, 1,7%), enquanto 15% se declararam sem religião. Nesse ano, o IBGE registrou, ainda, que os seguidores de outras religiões (espíritas, neocrístãos, umbandistas, católicos brasileiros, budistas, islâmicos, hinduístas, adventistas, testemunhas de jeová, judeus e outros) correspondiam a 5%. Isso parece acompanhar as dinâmicas do crescimento pentecostal e as mudanças no campo religioso brasileiro (MARIANO, 2001; SANCHIS, 1997). Em 1991, os adeptos do catolicismo compreendiam 83% da população brasileira, e os evangélicos, 9,1% (na ocasião, 4,8% se declararam sem religião). Em 2000, o Censo detectou uma queda dos católicos para 73,8% e uma subida dos evangélicos para 15,4%. Na ocasião, o IBGE registrou, ainda, que os seguidores de outras religiões correspondiam a 3,6%. Os sem-religião, surpreendentemente, subiram para 7,3%. No Censo de 2000, entre os evangélicos, a participação dos grupos tradicionais (luteranos, presbiterianos, batistas, anglicanos e metodistas) caiu de 35% para 27,4%, perdendo terreno para os pentecostais, que aglutinaram 67,6%. Os dados do IBGE ainda colocam sob a rubrica “pentecostal” os ramos que os especialistas classificam como “pentecostal” e “neopentecostal”.

contexto de ordem violenta. Diversos estudos já demonstraram que, nas últimas décadas, as grandes cidades brasileiras têm sido imersas no que alguns pesquisadores vêm identificando como um cruel paradoxo: a explosão dos índices de violência urbana<sup>5</sup> simultaneamente ao processo de consolidação democrática. Trata-se de um fenômeno complexo, vinculado a um leque de questões que articulam diferentes dimensões da vida social (SILVA, 2010; LIMA; MISSE; MIRANDA, 2000; ZALUAR, 2004; ADORNO, 1993).

Nesse contexto, cabe problematizar as modalidades a que se refere a inscrição das igrejas pentecostais no cotidiano das favelas, em que os líderes religiosos contam cada vez mais com recursos simbólicos, valores, categorias e rituais religiosos por meio dos quais tentam evitar o exercício da violência contra os demais moradores.<sup>6</sup> A despeito disso, a adesão religiosa também pode ser referida ao campo das barreiras simbólicas como forma de percepção das injustiças, das atrocidades diante da dominação criminosa, dessa “ordem” que impera em determinados territórios (MAFRA, 1998; BIRMAN; LEITE, 2002; BIRMAN, 2003; ZALUAR, 2004). Nesse sentido, a religião para alguns moradores configura um modo de organização de vida nas condições de enorme precariedade material, de desestruturação moral e de vulnerabilidade, demarcado pelo quadro permanente e sempre inconcluso de “limpeza moral” (SILVA; LEITE, 2007). Há até mesmo exemplos de conversão religiosa de criminosos que os leva a uma dedicação de caráter intensivo e pastoral (LOBO, 2002; CÔRTEZ, 2007).

Seguindo a trilha acadêmica dos estudos sobre as vertentes do pentecostalismo no Brasil, pretendo discutir – mesmo que de forma não exaustiva – o modo como o pentecostalismo se inscreve no cotidiano de moradores de favelas. Com esse recorte e com base em dados do trabalho de campo desenvolvido entre 2008 e 2010, que compreendeu observações diretas de atividades religiosas, circulação nas favelas e realização de entrevistas com moradores e membros de denominações

<sup>5</sup> Conforme comenta Silva (2007, p. 13), para além do entendimento por parte de vários cientistas sociais e do senso comum sobre a violência urbana, trata-se de uma “categoria coletivamente construída para identificar – e tomar posição a respeito de – um complexo de práticas do qual a força é o princípio de coordenação, responsável por uma articulação e relativa permanência ao longo do tempo”.

<sup>6</sup> Reportagem da revista do jornal *O Globo* apresentou matéria sobre um pastor que intervém no tráfico de drogas resgatando vítimas das ações do tráfico. Além disso, o pastor, que se chama Marcos, também é conhecido pelas diversas conversões de traficantes, conseguidas tanto dentro quanto fora dos presídios. Ver Pastor de ovelhas negras. *O Globo*, Revista, p. 24-31, 17 fev. 2008.

pentecostais em quatro grupos focais,<sup>7</sup> focalizo os relatos de moradores cujas experiências cotidianas são marcadas pela “conhecida lei do silêncio”, que

parece ser mais perniciosa do que normalmente se imagina, pois não se trata apenas do fechamento para os “de fora” das populações mais diretamente afetadas pela sociabilidade violenta, mas da incomunicabilidade entre os seus próprios membros produzida pelo medo e pela desconfiança. (SILVA, 2004, p. 78)

Este é um contexto de justificativa da afirmação do poder religioso em relação a outras formas de “contrapoder” em torno das ações dos traficantes e policiais, principalmente no que concerne às suas atitudes/ações violentas (SILVA; LEITE, 2007). O entendimento das relações estabelecidas pelos pentecostais depende da compreensão dessas instituições e do sistema de valores que definem e legitimam suas ações nas favelas. Investir nesse reconhecimento requer o afastamento das significações qualificadoras dos estigmas atribuídos aos moradores de favelas.

## CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DAS FAVELAS DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

Campos dos Goytacazes é uma cidade singular, localizada a 286 quilômetros da cidade do Rio de Janeiro, caracterizando-se por uma topografia marcada pela planície e por áreas alagadas (LAMEGO, 1974). Desde o século XVII, a indústria açucareira se destaca como atividade econômica dominante. No século XIX, Campos vai adquirindo uma imagem urbana moderna, adequada aos tempos de riqueza e luxo dos barões do açúcar. Essa é a época da expansão

<sup>7</sup> Os grupos focais foram realizados na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro com a seguinte composição: a) um grupo de mães escolhidas de modo a contemplar distintas denominações pentecostais; b) um grupo de homens e mulheres (acima de 24 anos), também escolhidos de forma a considerar distintas filiações pentecostais; c) um grupo de jovens homens e mulheres (15-24 anos aproximadamente), selecionados segundo suas adesões pentecostais; d) um grupo de líderes de denominações pentecostais. O número de participantes dos grupos focais variou entre 8 e 10, e o critério de seleção não se orientou por uma amostra representativa em termos estatísticos, mas pela construção de um *corpus* com base na experiência dos participantes. Assim, consideramos, durante a seleção dos participantes, as informações obtidas anteriormente durante o trabalho de campo sobre as dificuldades de deslocamento do lugar de moradia para o local da realização do grupo. Com isso, culminou na redução, em alguns grupos, do número inicial de participantes, de 10 para 8. As dinâmicas dos grupos foram moderadas pela coordenadora do projeto a partir de um roteiro tópico-guia, em que algumas perguntas foram as mesmas para todos os grupos, uma vez que se pretendia analisá-las comparativamente. No decorrer das dinâmicas, recorremos a perguntas imanentes, a fim de aprofundar ou esclarecer aspectos discutidos até determinado momento. Quanto aos procedimentos de tratamento dos dados dos grupos focais, adotamos, após a transcrição das dinâmicas gravadas em cada grupo, o uso do programa de *software* Atlas/Ti, permitindo a organização dos dados propícios no nível conceitual de análise, bem como a descrição dos resultados. A análise dos relatos dos participantes foi fundamental e auxiliou na identificação da importância coletiva de determinado tema abordado.

do comércio da atividade açucareira, marcada pelo surgimento dos engenhos centrais e das usinas. Campos ascende como polo capitalista integrador regional e distribuidor de serviços, caracterizando-se por uma crescente urbanização, que se dá com o aumento da população<sup>8</sup> (ALVES, 1995).

A agroindústria açucareira em Campos possui particularidades, pois se destina ao mercado interno, sofrendo oscilações nas exportações quando da concorrência da produção de Pernambuco e da Bahia. O fechamento de algumas usinas de açúcar, em 1924, vinculou-se ao processo de modernização e de mecanização da agricultura. A partir de então, a região começou a ingressar em um processo de decadência (GUIMARÃES; PÓVOA, 2005, p. 9), levando ao surgimento das favelas.<sup>9</sup> Em 1940, existiam 28 delas no município. Nessa década, tornou-se cada vez mais visível o grande deslocamento de trabalhadores do campo para a cidade, o que contribuiu diretamente para a ampliação e o aparecimento de favelas. De fato, “várias são as favelas que surgiram em decorrência da mudança das condições de trabalho e do fechamento de usinas” (GUIMARÃES; PÓVOA, 2005, p. 10).

Essas favelas vieram a se constituir em áreas periféricas da cidade, à medida que, paralelamente a esse processo, ocorreram transformações no centro urbano. Em Campos, as favelas, em geral, não são localizadas em morros, como acontece no próprio município do Rio de Janeiro, mas, sim, “situadas às margens da estrada, espremidas entre o asfalto, a linha férrea e as cercas das fazendas, acompanhando o contorno das vias” (GUIMARÃES; PÓVOA, 2005, p. 5).

A formação e o crescimento de favelas no meio urbano estão associados a um aglomerado de fatores, como a imigração rural, por causa do desemprego e das condições socioeconômicas desfavoráveis, a proximidade de áreas com maiores ofertas de emprego, entre outros, que auxiliaram no adensamento desses espaços.

A partir da década de 1950,

o crescimento urbano provocado pela emigração rural e mesmo a imigração urbana de outros municípios gera[m] a ocupação periférica de Campos, e a tendência da população imigrante mais pobre é a de ocu-

<sup>8</sup> Se, em 1872, Campos dos Goytacazes contava com 88.825 habitantes e 19.520 se concentravam na zona urbana, em 1892, o número de habitantes foi de 105.534, sendo 26.951 representados pela população urbana. Em 30 anos, o crescimento se elevaria em uma escala extraordinária e em 1920 atingiria 175.850 habitantes, dos quais 69.759 viviam na área urbana.

<sup>9</sup> No Censo 2000, realizado pelo IBGE, a favela foi incluída na categoria “aglomerado subnormal” definida como “um conjunto de no mínimo 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, bem como carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais”. Os requisitos dessa definição apontam para a complexidade da categoria quanto às configurações das favelas, dependendo do seu entendimento como categoria analítica.

par áreas como beira de brejos, beira de rio e lagoas formando favelas (GUIMARÃES; PÓVOA, 2005, p. 12).<sup>10</sup>

As favelas localizadas na malha urbana da cidade são muitas vezes encontradas em áreas de risco ambiental e com pouca condição de edificações habitacionais, como é o caso, entre outras, das favelas em que foi desenvolvida a pesquisa, situadas em áreas de brejo e à beira de rios, valões ou lagoas.

As ações do poder público local, ou seja, da própria prefeitura da cidade de Campos dos Goytacazes, são bastante limitadas. Os segmentos sociais mais pobres se veem apartados de serviços como pavimentação de ruas, moradia, coleta de lixo, luz, esgoto, transporte adequado, lazer, ensino de qualidade, hospitais etc. (CRUZ, 1986). Mesmo contemporaneamente, a partir de 1998, os recursos oriundos dos *royalties* do petróleo não foram capazes de contribuir satisfatoriamente para o processo de geração de emprego e renda e as melhorias de condições de vida desses segmentos sociais. Algumas dessas favelas de Campos são mais expressivas no que se refere à presença de traficantes, que impõem o domínio do código de uso desses territórios, estabelecendo formas violentas de controle deles e atemorizando os moradores. A vivência com essa superposta ordem estabelece investidas formas de (re)territorialização de grupos pentecostais, o que implica moralidades apresentadas como fundamentais para esse contexto.

Dentre as favelas de Campos, uma das selecionadas pela pesquisa é considerada um dos territórios onde se desenvolve a atividade do tráfico de drogas de forma mais intensiva na cidade, tendo em vista que possui o controle e o domínio da distribuição dos produtos para outras favelas. Ademais, concentra parte das ocorrências policiais de apreensão de drogas da cidade (SOUZA, 2007). Tal fato sugere a construção de um mapa da cidade em dois territórios: lado A e lado B, arranjo identificado pelos pesquisadores no decorrer dos nossos estudos de campo e que deriva das representações dos informantes sobre as brigas entre os traficantes. Inicialmente, não havia essa divisão. Segundo os informantes, existem duas versões para a explicação da rixa entre as favelas. Uma delas consiste no caso da morte do chefe do tráfico de drogas de uma delas, que ocorreu na tentativa de apropriação da “boca de fumo”. Essa versão apresenta uma contradição, já que o conflito existia antes da morte do chefe, e não depois. A outra versão refere-se à mulher do chefe de uma dessas favelas, que, após a separação, foi viver com o chefe de outra favela. Isso fez com que o traficante que era o ex-marido se sentisse humilhado diante dos

<sup>10</sup> Segundo Guimarães e Póvoa (2005), em Campos dos Goytacazes, a proporção de pessoas moradoras da área rural, no decorrer dos anos 1950 a 2000, foi gradualmente diminuindo em decorrência do fechamento das usinas e do aumento do desemprego, enquanto, concomitantemente, aumentava a proporção na área urbana.

moradores e dos demais traficantes. A percepção da divisão foi crucial para o entendimento de onde se ocultam e onde aparecem ou se desfazem e se transformam o território favela, o controle dos bandos de traficantes de drogas e as ações pentecostais.

Próximo a uma dessas favelas encontram-se o Hospital Ferreira Machado e o Cemitério do Caju. Além disso, o hospital é vizinho à penitenciária feminina da cidade. Ao considerarmos os usos e as representações dessas instituições públicas pelos moradores das favelas citadas, compreendemos o quanto elas se tornam espaços de tensão, visto a necessidade de uso e, portanto, de ultrapassar a fronteira do espaço apropriado pelos traficantes. Conforme apresentaremos a seguir, os moradores de uma dessas favelas ou não frequentam o hospital nem vão a velórios e enterros no cemitério, ou, quando o fazem, omitem o local de moradia, dizendo-se habitantes do Parque Califórnia, bairro de classe média próximo à favela, considerado neutro, ainda que alguns espaços de classe média sejam demarcados como região do tráfico. Trata-se de uma tática de evitação e receio marcada pelo sentimento de perigo, por estarem em território alheio.

## MOBILIDADE E MEDIAÇÃO PENTECOSTAL EM FAVELAS DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

O pentecostalismo se inscreve nas favelas de Campos dos Goytacazes com forte proeminência de igrejas de caráter autônomo e neopentecostais, especialmente igrejas de pequeno porte, que se estabelecem muitas vezes em edificações antes usadas como espaço de moradia ou espaços de bares e biroskas. Destaca-se a atuação da Igreja Assembleia de Deus de Madureira (AD), que se faz presente nas favelas pesquisadas. Por outro lado, a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd)<sup>11</sup> não possui nenhuma unidade ou núcleo nas favelas. A Iurd, de modo geral, se estabelece em pontos de vias públicas amplas à margem das favelas, assim como possui um templo da *Catedral da Fé*, no centro da cidade, relativamente distante de áreas periféricas em que estão localizadas outras de suas unidades filiadas. Entretanto, observamos ações da Iurd em algumas favelas por meio de atividades de evangelização, distribuição de alimentos, roupas, cursos profissionalizantes, alfabetização, dentre outros. Em determinada ocasião de enchentes na cidade, os moradores e os pastores relataram que o cadastramento e o atendimento à população assistida aconteceu na Catedral da Fé. Isso não ocorre com outras igrejas e grupos menos centralizados.

<sup>11</sup> A sede da Catedral da Fé, considerada um dos maiores templos, foi construída em 2005, assim como duas outras unidades de grande porte em Campos dos Goytacazes (OLIVEIRA, 2010).

Tanto no caso da Assembleia de Deus, com tendência homogeneizante de práticas assistencialistas, quanto no da Iurd, em que os contatos proximais e diferenciados são privilegiados, observamos que o território das favelas apresenta-se, para esses segmentos religiosos, como modo de afirmação e de visibilidade da expressão de suas ações em um contexto de criminalidade e violência, no qual o espaço deve ser conquistado e dominado. Dominar o território da favela é assumi-lo em suas expressões, mas marcá-lo de outro modo: por meio da confrontação por ordens morais e sociais rigidamente praticadas. Essa dinâmica de oposição entre território do tráfico e mundo da fé é relativizada, na medida em que não se trata de um afastamento ou evitação de contato, inclusive com os envolvidos com a criminalidade violenta, mas da tentativa de conversão, baseada na proposta de um novo estilo de vida e de mudança da ordem local por meio da força da fé. Ouvimos, no decorrer da pesquisa, relatos de moradores pentecostais que afirmavam ser ouvidos por traficantes em situações de evangelização e que em muitos casos recebiam pedidos destes de orações, que algumas vezes implicavam unção das mãos sobre a cabeça de traficantes que se encontravam em atividade de venda de drogas ou vigilância armada do local. Nesse contexto, o que pode parecer uma permeabilidade de determinada reserva moral, da qual os evangélicos seriam detentores (BIRMAN; LEITE, 2002), provoca uma ressignificação da fé e pode levar a uma compreensão do que Cunha (2008) identificou, em sua pesquisa em favelas cariocas entre os “traficantes evangélicos”, como “novas formas de experimentação do sagrado”. Em sua análise, a autora identifica que muitos “lançam mão com frequência” do que Novaes (2003, p. 36) apresenta como “gramática pentecostal”.<sup>12</sup> Assim, “a figura do inimigo irreconciliável é, para os evangélicos, o diabo, e não as pessoas que vivem ou viveram submetidas às forças do mal” (BIRMAN, 2009, p. 325). De certo modo, a religião se apresenta nas favelas como espaço de expressão de subjetividades, construídas a partir das experiências cotidianas e dos fragmentos da moral tradicional.

Apesar da apropriação individualizada do religioso, os fiéis buscam o sentido de comunidade para a favela. As noções de limites, margens e marcas das ações dos grupos pentecostais são geradas a partir de determinados princípios proselitistas, cuja intensidade guarda, até certo ponto, relação com uma moralidade distinta de algumas práticas sociais nas favelas. Essa oposição permite-nos a introdução de algumas categorias importantes, como a de comunidade religiosa, no contexto da favela, no sentido da negação do estigma da favela. Assim, identificamos a autoafirmação realizada por membros de uma denominação pentecostal, ao referir-se à favela como “Comunidade de Adoração”:

<sup>12</sup> Novaes (2003) analisa a proximidade textual entre as orações evangélicas pentecostais e as letras de *rap*.



Comunidade é Tira-Gosto, mas já mudou o nome, graças a Deus; ninguém mais fala Tira-Gosto, fala só “pra” jornais, polícia, mas os moradores não falam. Falam Comunidade da Adoração, porque hoje tem bastante gente lá que se converteu, graças a Deus. Nós passamos a falar isso no próprio culto, né, mas tirar esse nome, porque esse nome de Tira-Gosto é de maldição, né, aí nós ficamos influenciando a chamar por esse nome... Num lugar onde as pessoas matam as outras, lugar onde as pessoas traficam mesmo as drogas, aquilo fica marcando, e nós falamos dentro das igrejas pentecostais de que ele, o diabo, planta, coloca os pés dele aí e se acha o dono, porque tanto é que a gente vai mudando.

A evangelização é um dos pilares sustentados pelas igrejas pentecostais e neopentecostais. Evangelizar é um trabalho que cabe a todos os fiéis, que muitas vezes se reúnem em grupos e saem pelas ruas das favelas fazendo mutirões evangelizadores. Em suas ações, os pentecostais visam à regeneração individual, e, desse modo, o potencial de mobilização está relacionado mais profundamente com a “conquista das almas”, visando de certa forma à transformação da ordem local baseada na sociabilidade violenta” (SILVA, 2008). Contudo, os mesmos fiéis que têm como uma espécie de missão a conversão dos traficantes são aqueles que relataram que, em situações limites, os pentecostais acabam tendo de suportar a invasão do tráfico em suas residências.

Quando a polícia bate na favela, não dá para dizer “pra” eles [tráfico] que não vão entrar na minha casa, eles empurram a porta e sentam. Teve um dia que cheguei em casa e um dos meninos estava assistindo televisão; ele entrou na hora da batida e ficou mesmo depois da polícia ter ido embora.

Nessas situações, não se afrouxam os laços de proximidade, mas se redimensiona a relação. A cordialidade é substituída pela animosidade, e os códigos da fé são substituídos pelos códigos do tráfico, sob pena de repressão. O respeito mútuo entre religiosos e traficantes tem um limite: a violência aplicada pelos criminosos para seus próprios interesses e benefícios.

## OS TERRITÓRIOS DAS FAVELAS, AS REDES DE AMPARO RELIGIOSO E O ACESSO À CIDADE

Os laços de parentesco, vizinhança, amizade e conhecimento concebidos como rede proximal se associam à rede de relações religiosas nas favelas, constituindo canais de fluxos de recursos materiais e simbólicos. Certamente, são vários os fatores imbricados nesse processo de construção de redes de amparo entre os pentecostais. As estratégias disponíveis estão associadas

a determinadas condições e contextos espaçotemporais. Há ausência e precariedade de um conjunto de funções de proteção social por parte do Estado: infraestrutura pública (habitação, saneamento, transporte, atendimento de saúde, creches) e políticas de formação escolar, qualificação e inserção profissional eficazes. Desse modo, muitos encontram os suportes sociais na adesão às igrejas, que visam a sua incorporação social pela via religiosa e em proximidade com membros de grupos denominacionais, moralizando comportamentos, partilhando informações, trocas e recibos de recursos. Esses conjuntos de laços de apoio e entrelaçados extravasavam os limites geográficos da favela, constituindo fonte de suporte e legitimação social. Em determinados casos, as redes pentecostais operam a mediação entre a cidade e as favelas.<sup>13</sup> Contudo, as possibilidades que geram estão em geral condicionadas pela apropriação dos espaços públicos pela lógica do tráfico de drogas.

Durante a dinâmica de grupo, uma jovem contou de sua experiência com a obtenção de uma bolsa de estudos conseguida na igreja. Tratava-se de uma escola de classe média que estava localizada em uma área nobre da cidade. Entretanto, em decorrência do problema da divisão da territorialização do tráfico, ela acabou desistindo da bolsa devido ao medo que sentia.

Eu vinha “pra” casa toda dia correndo, correndo, chorando, porque eu levava carreira, os meninos de rua, os meninos do lado de lá me “dava” carreira. Eu ganhei até uma bolsa de estudos, e eu não peguei por causa disso. Tinha medo que eles fizessem algo comigo.

Ainda que essas redes de relações baseadas no amparo religioso e social mobilizem, em determinadas situações, recursos e a construção de oportunidades materiais, os moradores também relatam experiências de isolamento e de cerceamento territorial em decorrência da territorialidade do tráfico na cidade, pois este alcança os espaços e as instituições públicas. Há um sentimento de medo, e surgem diversos tipos de ansiedade nos depoimentos dos entrevistados sobre a violência e o aumento de riscos em se expor a situações relacionadas com a presença de facções do tráfico de drogas na cidade. Em consequência, os moradores pentecostais, em muitos casos, se valem de redes mais densas e mais vastas dos “irmãos de

<sup>13</sup> Estudos afirmam que, a partir do trabalho filantrópico caritativo de grupos religiosos, surgiram diversas entidades de assistência social, como, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus com Associação Beneficente Cristã (ABC); a criação do Conselho Nacional de Assistência Social das Assembleias de Deus (CNAS); a Fábrica Esperança, vinculada à Igreja Presbiteriana etc. Algumas dessas entidades acabaram por se desligar organicamente de suas instituições religiosas, compondo o que se chama de terceiro setor. Este seria, por sua vez, constituído por organizações sem fins lucrativos e não governamentais, que objetivam a geração de serviços de caráter público. Nesse contexto, e de acordo com a literatura, também se abrem oportunidades ao estabelecimento de alianças e parcerias políticas por parte de algumas igrejas com o poder público, o que permite aos agentes religiosos assumir importantes postos governamentais (BURITY, 2007; MACHADO, 2001; MESQUITA, 2003).

fê”, seja para conseguir uma informação ou serviço público, seja para ter oportunidade de formação profissional e emprego. Se, de um lado, lidam com o provimento dessas necessidades, de outro, acionam igualmente a “fê” mobilizadora da coragem para frequentar lugares das cidades considerados por outros moradores como perigosos por causa do controle do tráfico. Apesar da ênfase que se coloca no risco e no perigo, há uma questão primeira, que é a necessidade. Esse é o caso da frequência ao Hospital Municipal Ferreira Machado, situado em um bairro próximo a uma das favelas, ou mesmo ao cemitério público do Caju, localizado junto a essa favela considerada de facção oposta à da outra favela. Do ponto de vista dos moradores, há receios em mencionar ser morador dessas favelas, por exemplo, ao precisar fazer um registro na recepção do Hospital Municipal Ferreira Machado, pois pode ser um indício desfavorável, sobretudo se tiver presente um “olheiro” do tráfico de uma favela, dada a proximidade do hospital com a localidade dessa favela.

Quando chego “no” hospital, na hora de dizer onde moro, sempre falo mais baixo para a moça, tenho medo de ter alguém por perto e achar que eu estou ali para saber alguma coisa de alguém deles que pode estar no hospital.

Sempre olho para o lado, “pra” ver se tem [alguém] prestando atenção no que estou dizendo, e evito ficar de papo furado com quem não conheço. Nunca se sabe; é melhor prevenir.

A gente, quando vai a enterro no Caju, fica com medo. Tem gente que nem vai, os caras ficam em cima do muro com armas olhando para as pessoas.

Eu tenho até medo de ir ao enterro, igual desse menino mesmo, foi só uma pessoa. As pessoas ficam com medo, porque fica aquele montão de gente no muro. Eu fui “num” enterro de um obreiro, a gente “tava” lá de frente para o muro, aquele montão de cabeção tudo olhando “pra” gente “pra” saber de onde é.

As práticas desses fiéis são condicionadas aos contextos sociais nos quais eles se movem, sendo o sexo, a idade, a fase do ciclo de vida, o local de trabalho e o estudo importantes na configuração das estratégias adotadas, como é o caso de situações em que a declaração do local de moradia torna-se um impedimento à candidatura a um emprego. Esse fato tende a se alterar, caso a pessoa tenha como referência um parente ou vizinho evangélico que faz a indicação. Nesse sentido, o vínculo institucional serve como uma credencial, podendo estender as chances de inserção social

(WEBER, 1980). O estigma contra esses moradores é tão forte que muitas vezes eles chegam a omitir o endereço com a identificação da favela, mencionando o bairro ou o endereço de um amigo ou parente de outra localidade que não seja favela.

Eu fui fazer um cadastro para emprego de fim de ano numa loja no shopping e a gerente perguntou onde eu morava, disse que a loja fecharia tarde e se eu tinha problema de ônibus, falei que não tinha, mas quando disse que morava na [favela], ela falou que era para eu deixar o telefone que ela ligaria. Até hoje, nada.

Se a gente não tem indicação, fica difícil. Faço faxina e as pessoas desconfiam “em” mim, tenho a chave do Dr. [...], mas sei que tem gente que não deixa porque desconfia; precisa da gente, mas acha que a gente convive com bandido o tempo todo.

Cotidianamente, esses moradores encontram na sociabilidade pentecostal uma forma de refúgio social, dignidade e uma orientação prática cotidiana. Desse fato resulta que a inscrição dos pentecostais nas favelas remete às carências individuais, especialmente dos seus filiados, diferenciando-se de outras instituições de atendimento coletivo, que quando chegam são insuficientes no atendimento da demanda e na qualidade dos serviços. Ademais, há o clientelismo político, visto serem os serviços prestados, projetos e programas mantidos de acordo com as prioridades definidas por interesses particularistas, que se manifestam a partir de ações focalizadas, fragmentadas e descontínuas, não convergindo na viabilidade de um padrão de vida digno para a população das favelas. De modo geral, é no período das eleições governamentais que os políticos recorrem às lideranças locais, inclusive as religiosas. Todavia, as igrejas não chegam a funcionar como mediação entre as demandas da população local e a política. Trata-se de uma estratégia para angariar votos, pois a ligação se rompe logo após as eleições. No entanto, há um reconhecimento, por parte das lideranças pentecostais, da importância da política, o que não reduz o desconforto em apoiar candidaturas. A desconfiança nos políticos expressa a complexidade da relação existente entre os moradores, as instituições e a política na favela.

Há uma diferença de eleições. Se você tem uma eleição municipal, você tem um problema; se você tem uma eleição, no caso, federal (presidente, senadores, deputados estaduais, federais, vamos dizer), o ataque é menor na eleição federal. Na eleição municipal, é pior devido [a] ser[em] eleições locais. Então, nas eleições locais, aparece muita gente. Aí,

aparece candidato, não cristão, não católico, não macumbeiro. Aparece macumbeiro, evangélico, católico, aparece todos eles. Em média, eles procuram um pastor que “tem” maior influência naquela comunidade. Por exemplo, nós somos procurados devido ao número de pessoas que você tem influência, e, normalmente, você tendo influência naquela comunidade, a sua palavra tem um peso. Nessa eleição de agora, eu não quis ficar muito ativo dentro da eleição. Eu expus o candidato que eu votaria. Lógico, acho que todo o cristão tem que ter essa condição de quem votar, é uma obrigação nossa. Hoje, o evangélico não pode dizer que essa coisa de política não me interessa. Não, acabou isso. Hoje, o pastor, o cristão, hoje ele tem que estar muito bem informado sobre isso.

Outro aspecto fundamental se centra nas tentativas de influência de traficantes sobre os moradores e as denominações religiosas em contextos de eleições políticas. As posições dos pentecostais obedecem a uma lógica de resistência baseada em um código moral, mediante a imposição de traficantes nas favelas. Os relatos a seguir demonstram essas estratégias:

O traficante recebeu uma Ecosport [modelo de carro] novinha devido à influência dele no tráfico e na comunidade.

No meu caso, eu coloco, e nós deixamos bem claro que nós não cedemos. Não existe o traficante ter esse poder de impor em quem ter que votar. Ainda que nós “tivemos” esse problema na eleição passada, só que eu me coloco contra declaradamente. A Igreja vota num candidato que tenha o perfil da Igreja. O chefe do tráfico lá falou que tem que votar no fulano de tal. Falava não “pra” mim, mas para os próprios moradores. No caso, tirar a placa e colocar outra. Eu quero votar no pastor, a comunidade quer votar, só que o traficante quer que vote no... A irmã vai lá e coloca a placa, o traficante manda ela tirar e colocar a do...

Quem é que vai ter o poder de decisão? Quem é que vai ter o poder de influência? Porque o candidato do tráfico automaticamente está ligado ao Rio, com várias comunidades com esse problema. Em Campos, nós tivemos isso aqui, e, na Igreja, vai chegar o momento [em] que o pastor “tem” que tomar uma decisão. O pastor tem que tomar decisões, senão não existiriam pastores, e ele tem uma missão contrária, se for necessária, aos princípios do tráfico. E você, sendo pastor, você tem que levar a sua comunidade a ter uma visão, ainda que seja contra os princípios do tráfico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões delineadas no texto ajudam a entender como o pentecostalismo oferece um arcabouço e um sentido de pertencimento aos moradores de favelas que vivem em contiguidade territorial inescapável com os bandos de traficantes armados (SILVA, 2008), com a insuficiência das operações estatais e com o enfrentamento do peso do estigma associado à pobreza e à degradação moral. Ademais, frequentemente esses moradores evitam determinados lugares e instituições públicas fora da favela, por serem considerados lugares proibidos, pela presença de traficantes e de pessoas ligadas a esses bandos. Para esses moradores, a mudança de vida e o bem-estar social estão baseados no incremento da fé e no sentido de confiança que encontram em uma comunidade religiosa, capaz de produzir valores de solidariedade, dignidade e respeitabilidade aos seus membros.

Desse modo, os espaços e as redes religiosas configuram formas de solidariedade social para os moradores entrevistados e constituem refúgios – suportes morais fundamentais quando faltam instituições políticas e ações capazes de resolver os problemas, sendo expressões polares de uma realidade social. Fenômenos como esse vêm se mostrando particularmente acentuados nas favelas focalizadas pela pesquisa, nas quais “há uma inapelável contiguidade espacial com a ‘sociabilidade violenta’, gerando condições de vida críticas para a população moradora” (SILVA, 2010, p. 287), que cotidianamente vive na adversidade e na busca de garantias capazes de ultrapassar os sentidos estigmatizados de criminalização e romper com o silenciamento, que lhes dificulta a participação e a legitimidade no debate público (SILVA, 2010, p. 298).

Nas favelas, a vivência religiosa se constrói de maneira complexa, múltipla e intensa, traduzindo-se no nível da articulação da experiência cotidiana com o contexto espaçotemporal. As igrejas pentecostais, nas favelas de Campos dos Goytacazes, servem como fonte de subjetividade, de modo que a mensagem, assim como as práticas religiosas, acaba por ser resignificada, em uma combinação da fé com as experiências vividas nos diferentes territórios da favela. Em sua particularidade, as informações levantadas apontam para uma reflexão sobre essa questão e oferecem elementos para a referida discussão.

### ABSTRACT

*This article is based on a survey of residents of two slums of the city of Campos dos Goytacazes, in the northwest part of the State of Rio de Janeiro, and aims to understand and interpret the reports of Pentecostal believers in territories*

*under the control of drug trafficking. The Pentecostal churches where the survey was developed are segment of a religious group that since the year 1980 has got expression in the Brazilian society. In this context, the arrangements of membership to the Pentecostal churches are dramatized in the daily lives of the slums where leaders have increasingly symbolic resources, values, categories and rituals through which they try to avoid violence against the other residents. In the slums, the religious experience is built in a complex, multiple and intense ways, emerging at the level of everyday experience within the temporal space context. The Pentecostal churches serve as a source of subjectivity, so that the message, as well as the religious practices, receive new meanings, in a combination of faith with the lived experiences in different territories of the favela. In its particularity, the data here gathered lead us to reflect on this issue and provide elements for a pertinent discussion.*

Keywords: *Pentecostal denomination; favela; slums; religiosity; violence.*

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. A criminalidade urbana no Brasil: um recorte temático. *BIB – Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n. 35, 1993.

ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

———. Religião na metrópole paulista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 56, p. 15-27, 2004.

ALVES, Heloiza de Cacia Manhães. *Reformas urbanas em Campos dos Goytacazes na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995.

BIRMAN, Patricia. Feitiçarias, territórios e resistências marginais. *Mana*, v. 15, n. 2, p. 321-348, out. 2009.

———; LEITE, Márcia Pereira. O que aconteceu com o antigo maior país católico do mundo? In: BETHELL, Leslie (Org.). *Brasil: fardo do passado, promessa do futuro. Dez ensaios sobre política e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BURITY, Joanildo. Organizações religiosas e ações sociais: entre as políticas públicas e a sociedade civil. *Antropológicas*, ano 11, v. 18, n. 2, p. 7-48, 2007.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

CÔRTEZ, Mariana M. P. *O bandido que virou pregador: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild/Anpocs, 2007.

CRUZ, José Luiz Vianna. Análise do perfil ocupacional da população de baixa renda de Campos-RJ. In: PIQUET, Rosélia (Org.). *Acumulação e pobreza em Campos: uma região em debate*. Rio de Janeiro, Publipur/UFRJ, 1996. n. 3. (Série monográfica).

CUNHA, Christina Vital da. “Traficantes evangélicos”: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas. *Plural*. São Paulo, v. 15, p. 23-46, 2008.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GOFFMAN, Erving. *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GUIMARÃES, Berenice Martins; PÓVOA, Fabiana Machado Rangel. *Formação e evolução das favelas em Campos dos Goytacazes*. Relatório de pesquisa de UENF/CCH/LESCE. Campos dos Goytacazes, dez. 2005.

LAGO, Luciana Corrêa do. *Avaliação crítica dos trabalhos sobre segregação residencial urbana em São Paulo e no Rio de Janeiro*. 2005. Disponível em: <<http://www.observatorio.tk>>. Acesso em: jun. 2005.

LAMEGO, A. Ribeiro. *O homem e o brejo*. Rio de Janeiro: Lidador, 1974.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

LEITE, Márcia Pereira. *Para além da metáfora da guerra. Percepções sobre cidadania, violência e paz no Grajaú, um bairro carioca*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001. (mimeo).

LIMA, Roberto Kant de; MISSE, Michel; MIRANDA, Ana Paula M. de. Violência, criminalidade, segurança pública e justiça criminal no Brasil: uma bibliografia. *BIB – Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n. 50, 2000.

LOBO, Edileuza Santana. *Igrejas atrás das grades. Um estudo sobre a atuação de evangélicos no sistema penitenciário do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Além da religião. *Cadernos CERU*, São Paulo: USP, série 2, n. 12, p. 139-150, 2001.



MAFRA, Clara. Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. São Paulo: Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. *Neo-pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MELLO, Marco Antônio. Selva de pedra: apropriações e reapropriações dos espaços públicos de uso coletivo no Rio de Janeiro. In: ESTERCI, N.; FRY, P.; GOLDEMBERG, M. (Org.). *Fazendo antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MESQUITA, Wania A. B. *Em busca da prosperidade: trabalho e empreendedorismo entre pentecostais*. Tese (Doutorado) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – Iuperj-Tec, Rio de Janeiro, 2003.

MISSE, Michel. *Malandros, marginais e vagabundos: acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Iuperj, Rio de Janeiro, 1999.

NOVAES, Regina. Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia (Orgs.). *Religião e espaço público*. São Paulo: Attar, 2003.

OLIVEIRA, Gustavo Silvino de. *Alertas em tempos de guerra: Igreja Universal e interfaces com a ordem social – entre respostas urgentes encantadas e racionalizadas*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2010.

PERALVA, Angelina. *Violência e democracia: o paradoxo brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. A cidade, as classes e a política: uma nova questão urbana brasileira? In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Metrópoles: entre a cooperação e o conflito*. São Paulo: Perseu Abramo; Rio de Janeiro: Fase, 2004.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). *Globalização e religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Favelas e democracia: temas e problemas da ação coletiva nas favelas cariocas. In: SILVA, Luiz Antônio Machado da et al. *Rio: a democracia vista de baixo*. Rio de Janeiro: Ibase, 2004. Disponível em: <<http://www.ibase.org.br>>.

\_\_\_\_\_. Cidadania, democracia e justiça social. In: \_\_\_\_\_ et al. *Rio: a democracia vista de baixo*. Rio de Janeiro: Ibase, 2004a.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. In: RIBEIRO, L. C. de Queiroz (Org.). *Metrópoles: entre a cooperação e o conflito*. São Paulo: Perseu Abramo; Rio de Janeiro: Fase, 2004b.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade violenta: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas. In: \_\_\_\_\_ et al. *Rio: a democracia vista de baixo*. Rio de Janeiro: Ibase, 2004c. Disponível em: <<http://www.ibase.org.br>>.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Faperj/Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. “Violência urbana”, segurança pública e favelas – o caso do Rio de Janeiro atual. *Cadernos CRH*, v. 23, n. 59, p. 283-300, 2010.

\_\_\_\_\_; LEITE, Márcia Pereira. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? *Sociedade e Estado*, v. 22, n. 3, p. 545-592, 2007.

\_\_\_\_\_; RIVERO, Patrícia. *Polícia e crime violento nas favelas do Rio: percepções e efeitos sobre as rotinas dos moradores*. [apresentado no] ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 29, 2005, Caxambu. [não publicado] (GT08 – Cidades: sociabilidades, cultura, participação e gestão)

SOUZA, Suellen de. *Vivências juvenis e criminalidade na favela Baleeira em Campos dos Goytacazes*. Monografia (Conclusão do Curso de Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2007.

WEBER, Max. *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

\_\_\_\_\_. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.